

Dossiê:
**O Cânone da Literatura Brasileira
no Brasil**



ENTREVISTA COM ADRIANE DUARTE, UMA TRADUTORA DO RISO GREGO

INTERVIEW WITH ADRIANE DA SILVA DUARTE

*Adriane da Silva Duarte**
Universidade de São Paulo

*Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa***
Universidade Federal de Minas Gerais

Adriane da Silva Duarte é livre-docente na Universidade de São Paulo, atuando na graduação e na pós-graduação na área de Língua e Literatura Grega. É bolsista de produtividade e pesquisa do CNPq desde 2007. Coordena, com a professora Zélia Cardoso, o Grupo de Pesquisa Estudos sobre o Teatro Antigo (CNPq). É autora de *O dono da voz e a voz do dono: a parábase na comédia de Aristófanes* (Humanitas, 2000) e do livro infantil *O nascimento de Zeus e outros mitos gregos* (CosacNaify, 2007). Participou da equipe que elaborou o *Dicionário grego-português* (Ateliê, 2006-2010). Traduziu as comédias aristofânicas *As aves* (Hucitec, 2000) e *Duas comédias: Lisístrata e As tesmoforiantes* (Martins Fontes, 2005).

Tereza Virgínia: *Adriane, em que você acha que a sua formação na Sociologia teria contribuído para seu interesse pela língua grega e pela eleição da comédia antiga como corpus para traduzir?*

Adriane Duarte: Eu segui simultaneamente os cursos de Ciências Sociais e de Letras e, embora tenha me graduado apenas no primeiro, concluí cerca de 90% dos créditos do segundo, incluindo todas as disciplinas da habilitação em Grego. Meu interesse pela comédia antiga surgiu durante as aulas de língua grega, nas traduções propostas pelo professor Cavalcante d'As aves, de Aristófanes, peça que estudei no mestrado. Desde o início, o que chamou a minha atenção foram questões de poética: o contraste entre o grotesco e o sublime na lírica aristofânica, o lugar da paródia, a singularidade da parábase. Isso não significa que as ciências sociais não tenham contribuído para as leituras que fiz dos gregos, mas mais do que a sociologia foi a antropologia com seu olhar sobre o mito e as estruturas de organização familiar e social que definiu essa relação.

Tereza Virgínia: *Quais foram os primeiros autores gregos que você leu? Quais os primeiros teóricos lidos na mesma ocasião?*

Adriane Duarte: Homero foi o primeiro poeta grego que li na Faculdade – antes disso já tinha lido uma ou outra tragédia. As disciplinas de Literatura Grega I e II foram

* asduarte@usp.br

** tereza.virginia.ribeiro.barbosa@gmail.com

destinadas exclusivamente ao estudo da *Iliada*. Foi, portanto, um ano de imersão na poesia homérica, que contemplou a leitura e comentário de cada um dos 24 cantos. Isso atendeu perfeitamente minha expectativa, porque cheguei aos gregos através de uma observação do poeta americano Ezra Pound, que, ao propor o cânone dos autores cuja leitura seria inescapável aos amantes da literatura, o encabeçava com Homero, observando que seus poemas só revelariam toda sua beleza se lidos na língua original. Então, resolvi conferir. Quanto aos teóricos, nessa época, início dos anos 1980, liamos W. Jaeger (*Paideia: a formação do homem grego*), B. Snell (*A descoberta do espírito*), H. Fraenkel (*Early Greek poetry and philosophy*) e J.-P. Vernant (*Mito e pensamento entre os gregos; As origens do pensamento grego*), fundamentalmente os autores que liam nossos professores. Vale lembrar que antes da Internet, do *e-book* e dos cartões de crédito internacionais, o acesso aos livros era difícilimo, e as novas tendências custavam a se disseminar. Foram leituras de descoberta, que aliavam boa prosa a conhecimento profundo da Antiguidade.

Tereza Virgínia: *Por que Aristófanes?*

Adriane Duarte: Foi uma escolha eletiva, não imposta. Num primeiro momento, creio que o interesse sequer incidiu sobre Aristófanes propriamente dito, mas sobre *As aves*, que eu considerava uma comédia diferente das demais no sentido de que não havia tantas alusões diretas ao contexto ateniense, o que permitia que fosse lida como uma fábula sobre o embate entre civilização e natureza. Claro que, depois, ao estudar a comédia, percebi que, embora menos evidentes, as referências estavam lá. Não menos importante para explicar meu interesse pelo gênero é a parábase. Essa seção de natureza coral em que o coro se dirige aos espectadores, quer em nome do poeta quer incorporando sua própria *persona* dramática, para tecer comentários de natureza metaliterária, chamou de imediato minha atenção, tanto que meu doutorado foi dedicado ao estudo das parábases no *corpus* aristofânico. Outro fator de atração por Aristófanes é que seu teatro trata de uma ampla gama de temas, ligados à vida cotidiana e à cultura grega, o que leva quem por ele se interessa a um mergulho na Atenas clássica.

Tereza Virgínia: *Quando você inicia uma tradução, qual é o ponto de partida? Seu padrão de seleção e escolhas na tradução seguem as preferências do leitor ou do helenista?*

Adriane Duarte: Eu traduzi três das 11 comédias remanescentes de Aristófanes: *As aves*; *Lisístrata*; *As tesmoforiantes*. Minha primeira experiência com a tradução de textos foi no mestrado, e eu escolhi a comédia de Aristófanes pelos motivos já expostos. Sinceramente, não sei se teria me aventurado na tradução se não houvesse esse estímulo externo, mas gostei muito do processo. Eu não tinha uma orientação teórica e fui estabelecendo critérios à medida que o trabalho evoluía. Por exemplo, resolvi traduzir, primeiramente, toda a parte dialogada e deixei para o final a parte coral, já que havia diferenças marcantes de elocução entre elas. Quanto a *Lisístrata* e *As tesmoforiantes*, publicadas juntas, a história foi diferente. A editora encomendou a tradução da *Lisístrata*, que é, sem sombra de dúvida, a comédia mais lida de Aristófanes hoje (são três traduções atualmente no mercado), e aproveitei para propor que se inserisse no mesmo volume *As*

tesmoforiantes, visto que foram produzidas no mesmo ano e que ambas abordam a questão feminina. Ao contrário da *Lisístrata*, *As tesmoforiantes* é, ou era, pouco lida e estudada, porque, estruturada sobre uma série de paródias de tragédias de Eurípides, pareceu aos críticos mal acabada. Nas traduções, tento combinar as exigências do helenista, como, por exemplo, a precisão na definição do léxico, o cuidado com as referências a costumes ou fatos históricos, o respeito pela disposição original do texto, com as preferências do leitor – gosto de transliterar os nomes dos protagonistas, que sempre guardam significado em grego, e de adaptar trocadilhos e piadas para que façam sentido em português.

Tereza Virgínia: *Que estratégias básicas você poderia sugerir para a recuperação do riso, das ironias e mesmo da poesia de Aristófanes para o texto de chegada?*

Adriane Duarte: A comédia de Aristófanes é política, na medida em que trata da esfera pública e põe a *pólis* em cena. Também é um gênero referencial que incorpora vários registros de linguagem e alude a outros gêneros poéticos, especialmente à tragédia. Por outro lado, é o mais coloquial dos gêneros antigos. Então, num primeiro momento, há a tentação de traduzir de maneira informal, lançando mão de gírias e adaptando o contexto visando criar a familiaridade, que é requisito para o riso – a piada explicada não tem graça. Mas essa opção, percebi rapidamente, condena a tradução a uma vida breve. Toda a tradução já nasce com prazo de validade, por contraste ao texto original, que não envelhece, e precisa ser atualizada. Por isso, é desejável que cada geração traduza novamente os clássicos de modo a renová-los. No caso da comédia, esse tempo é menor ainda, pois o humor costuma estar mais vinculado ao seu contexto e à linguagem, que, quanto mais informal, mais facilmente é superada. Por isso, resolvi adotar um tom sóbrio, sem descambar para o coloquial puro, de modo a preservar o texto. Quanto aos recursos cômicos, creio que é importante, antes de tudo, percebê-los, pois nem sempre são evidentes, devido à distância temporal e cultural que há entre a comédia aristofânica e nós. Isso feito, creio que se deve separar aqueles recursos que têm equivalência em nossa língua, que é o caso das ironias, por exemplo. Mais difícil é manter os jogos verbais, que muitas vezes demandarão adaptações de alguma espécie. Apesar de Aristófanes ser um poeta e escrever poesia dramática, minhas traduções são de natureza acadêmica, ou seja, prezo antes o rigor e a equivalência possível em vista do original, em detrimento da sonoridade ou do ritmo. Essa é uma opção que o tradutor tem de fazer e honrar.

Tereza Virgínia: *Você poderia fazer um breve apanhado da situação da tradução do corpus grego no Brasil?*

Adriane Duarte: Sem a pretensão de esgotar o tema, até porque não sou nele especialista, mas com o intuito de provocar reflexões futuras sobre a questão, começo com a constatação de que muito pouco se tem dedicado à história da tradução dos clássicos em nosso país, a despeito da importância de preservar sua memória. Afinal, é por meio da tradução que a grande maioria dos leitores tem acesso aos textos antigos, já que o conhecimento das línguas em que foram escritos sempre esteve restrito a uma minoria. O tradutor, então, será não apenas o divulgador dessa tradição, mas também o seu primeiro intérprete, influenciando de maneira determinante a sua recepção. Daí a

relevância de rastrear os textos traduzidos e seus tradutores para melhor podermos equacionar como a herança clássica foi recebida entre nós. Obviamente, esses estudos teriam de considerar não apenas as traduções empreendidas em nosso país, mas também, ao menos até a independência, as versões portuguesas, amplamente consumidas por aqui.

Uma notável exceção tem sido a recepção das traduções de Homero que o maranhense Odorico Mendes fez na virada do século 18 para o 19. Apontado por Haroldo de Campos como o patriarca da tradução criativa no Brasil, sua obra vem sendo reeditada e estudada recentemente. No entanto, sobre tantos outros precursores e mesmo sobre os tradutores bastante atuantes no século passado, sabe-se pouco, quando nada, muito embora as versões desses últimos continuem ainda hoje a circular de forma expressiva – penso em Jaime Bruna ou Mário da Gama Kury.

Há muito a se fazer nesse campo, e eu apenas me contento em apontar essas lacunas para instigar os que queiram sobre elas se debruçar com o intuito de saná-las. De volta ao exame do estado da questão hoje, começo por nova constatação: se houve um tempo em que a tradução dos clássicos não estava restrita à academia, mas se impunha como um desafio para poetas que sabiam seu grego e latim dos bancos escolares, hoje essa tarefa cabe majoritariamente ao professor universitário. Ainda que bissextos (na tradução dos gregos), os poetas Guilherme de Almeida, Péricles Eugênio da Silva Ramos, José Paulo Paes e Haroldo de Campos deixaram suas contribuições para a divulgação do cânone grego. Hoje, se formos considerar os nomes mais ativos na área, veremos que estão todos engajados no ensino superior: Jaa Torrano (USP), Donaldo Schuler (UFRS), Trajano Vieira (Unicamp). Se ampliarmos o nosso olhar, perceberemos que eles estão longe de ser exceção, havendo muitos outros professores e pesquisadores assinando as traduções recentes dos clássicos. Assim, a provocativa equação tradutor-traidor pode ser adaptada para a não menos instigante tradutor-professor.

Tereza Virgínia: *Você tem alguma hipótese para esse fenômeno?*

Adriane Duarte: A reforma curricular que suprimiu o ensino das línguas clássicas nos níveis básicos da educação acabou por restringir seu aprendizado aos cursos superiores, de modo que hoje a regra é que o primeiro contato com o grego ou o latim se faça na universidade, onde a tradução é incentivada desde cedo como uma ferramenta de apropriação linguística, mas também, em níveis mais avançados, como parte integrante do estudo de uma obra ou autor. Afinal, é o estudioso que, reunindo a competência linguística e o conhecimento do contexto histórico e literário da obra, assumirá a tarefa de verter os clássicos.

Para dar um exemplo mais concreto, o Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da USP, no qual me formei e onde hoje leciono, sempre estimulou a tradução como uma forma de aumentar o acesso aos textos antigos para a sociedade e suprimir as grandes lacunas existentes na versão dos clássicos para nosso idioma, além das razões mais gerais expostas acima. Isso porque o mercado editorial sempre foi errático, demonstrando, no máximo, um interesse pontual na publicação desse *corpus*, mas sem desenvolver de fato um plano ativo para esse setor. Com isso quero dizer que, se o mercado está cada vez mais aberto a acolher propostas de publicação, raramente é ele a tomar a iniciativa de encomendar textos específicos, o que tem consequências.

Os tradutores-professores, no entanto, também não agem como um corpo articulado, apresentando textos para publicação de acordo com as circunstâncias de suas pesquisas individuais, já que raramente a tradução é o fim último que os move. Normalmente não se levará em conta que o autor x ou y não está todo traduzido no Brasil – Aristófanes, por exemplo –, mas as traduções são fruto de estudos específicos que, uma vez concluídos, espera-se divulgar. Assim, as lacunas vão sendo supridas de uma forma arbitrária e pouco organizada.

Por outro lado, por constituir na maioria das vezes um texto de apoio para o estudo de uma obra, a tradução universitária tem um caráter mais exegético do que literário, privilegiando a versão do conteúdo sobre as questões de forma. Com essa observação não se quer cobrar desses tradutores, entre os quais me incluo, que apresentem versões poéticas, mas simplesmente constatar que há uma uniformização entre os textos que chegam aos leitores.

Esse último e importantíssimo elo da cadeia é o mais fragilizado. A tradução acadêmica pressupõe seus pares como leitores, ou seja, leitores educados e informados na tradição clássica. Mas os leitores têm muitas caras, demandando uma variedade de soluções tradutórias que vão desde textos que tragam uma linguagem mais acessível para o jovem até as edições que trazem pouco aparato crítico, mas alentados estudos, para o leitor erudito, passando pelos ricamente anotados para o leitor em formação.

Em suma, a concentração da tradução dos clássicos na Universidade, reflexo das condições do mercado editorial e leitor no país e da restrição do aprendizado dessas línguas em virtude dos parâmetros curriculares vigentes, condicionam a sua recepção. O balanço, no entanto, não é negativo. Basta constatar que, apesar de não haver uma postura ativa das editoras, o mercado tem se mostrado receptivo à publicação do cânone grego, sendo notável a quantidade de obras clássicas em circulação hoje em nosso país. Isso é o indício certo tanto do interesse que esses textos suscitam, quanto da produção dos pesquisadores da área, já que, como apontado anteriormente, a maior parte das traduções é oriunda de dissertações de mestrado ou teses de doutorado. Por outro lado, apesar de a tradução acadêmica partilhar certas características, ela não é absolutamente uniforme. Há tradutores-professores imbuídos da tarefa de oferecer traduções integrais da obra de determinados autores – como é o caso de Jaa Torrano com o teatro de Ésquilo e, em breve, com de Eurípides – ou de tentar explorar recursos poéticos em suas versões – caso de Trajano Vieira, que levou para a recente tradução da *Odisseia* lições da parceria com Haroldo de Campos para a versão da *Iliada*.

Tereza Virgínia: *De sua obra literária para crianças, em que medida você acha que os clássicos são adequados para esse público?*

Adriane Duarte: Guardado o bom senso, penso que as grandes obras de arte devem estar sempre ao alcance das pessoas inteligentes, independentemente de idade, sexo, raça, etc. Claro que há a questão da maturidade, variável e de difícil determinação. Mas dentro de uma abordagem mais tradicional, é perceptível que as crianças adoram os mitos gregos, se identificam com os heróis, se encantam com a pluralidade de deuses e seres monstruosos. Dessa forma, acho que elas devem ser apresentadas a esse universo

o quanto antes. A mitologia pode ser a porta de entrada para as leituras futuras, já que torna familiar o mundo de deuses e de heróis. A proposta do meu livro infantil foi apresentar os mitos da perspectiva da infância, contando o que faziam os deuses e heróis quando eram crianças. O intuito é reforçar a identificação entre leitor e personagens e transmitir às crianças a ideia de que as maiores aventuras são as que vivemos na infância e que somos os heróis de nossa própria história. Por isso, dentre as histórias que conto, a minha favorita é a de Teseu, que nada tem de sobrenatural. O jovem herói, ao entrar de supetão na sala, vê a pele de leão, que Hércules trazia consigo, aos pés da mesa. Acreditando tratar-se de um leão de verdade, desembainha sua espada de brinquedo e avança contra a fera para deleite dos adultos. Essa história, que nos foi transmitida por Pausânias, podia também ter sido protagonizada pelo Pedrinho, do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, ou pelo menino Maluquinho, do Ziraldo. A ameaça pode ser de mentira, mas a bravura do menino é bem verdadeira e prefigura a coragem do herói diante do Minotauro.

Tereza Virgínia: *Você está traduzindo algo agora ou tem planos para o futuro nessa atividade?*

Adriane Duarte: No momento, estou concluindo um estudo sobre a *anagnórisis* na prosa grega, o que me levou a estudar o romance grego antigo, que eu conhecia muito mal. Fiquei tão interessada que planejo iniciar, em 2013, talvez, a tradução de um desses romances, *Quéreas e Calírroe*, de Cáriton de Afrodísias, que é considerado hoje o mais antigo dos romances preservados, narrando os encontros e desencontros do casal protagonista em suas andanças pela Grécia e pelo Oriente Próximo. Tudo vai ser novidade para mim – o grego pós-clássico, o texto em prosa –, mas estou animada com o desafio. Acho que essa iniciativa também vai contribuir para suprir uma lacuna importante no mercado de livros.

Tereza Virgínia: *Boa novidade! Aguardamos, então, o seu Quéreas e Calírroe, Adriane! E agradecemos a sua gentileza com esta entrevista.*

Adriane Duarte: Foi um prazer!

